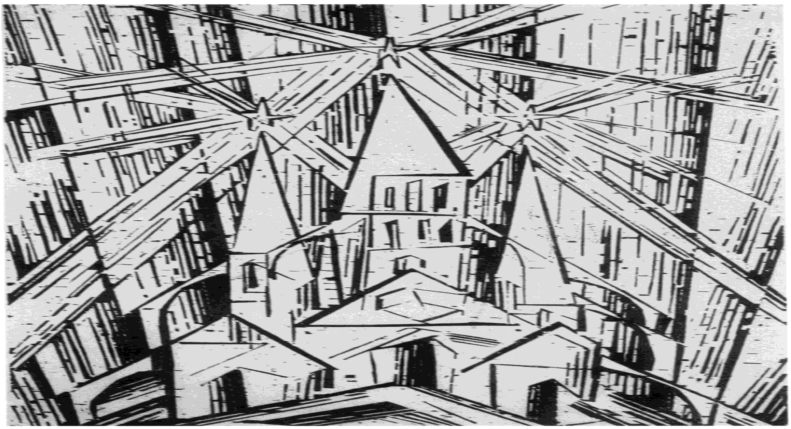
Inútil Bauhaus

Autora: arquiteta Aline de Alencar Rosa

"Vamos juntos desejar, conceber e criar o novo edifício do futuro, que combinará tudo - arquitetura e escultura e pintura - numa única forma que um dia se elevará aos céus das mãos de um milhão de trabalhadores como o símbolo cristalino da uma fé nova e vindoura".

(trecho do manifesto)



Lyonel Feininger, Catedral, xilogravura, do Programm des stootlichen Bauhaus em Weimar (1922). Museu Busch-Reisinger, Universidade de Harvard, Cambridge, Massachusetts

Índice :

1-Introdução o que é beleza.

2-História da Bauhaus;

3-Metodologia;

4- Precursores;

5-Inutilidade da escola;

6-Conclusão;

7-Referências bibliográficas;

8-Sobre a autora;

1- Introdução o que é beleza.

Estimados leitores trago aqui uma indagação, este livro é uma critica sobre a escola e sua pedagogia aplicada aos seus estudantes. Será mesmo que a Bauhaus trouxe revolução no modo de fazer arte? Pinturas com cores básicas e formas simples, ambientes minimalistas sem senso estético e uma arquitetura empobrecida sem adornos e ornamentos, realmente foi bom para o século XX esses ideais de design ?

O adjetivo inútil não foi conquistado à toa para nos referimos à escola Bauhaus, podemos dizer que com o passar das décadas a ação ou efeito de influir que a Bauhaus teve sobre a forma de design e beleza deturpou totalmente a visão das pessoas sobre o que é belo e harmônico. Verifiquem na imagem abaixo em um dia comum na escola estes alunos pousando para uma foto. Adultos com uma pose infantilizada mostrando a face do futuro do design mundial.



Cinco estudantes usando folhas de papel de parede e um usando uma folha de jornal, atribuídos a Edmund Collein, fotógrafo, ca. 1927–1928. Impressão em gelatina prata. 8 x 9,8 cm. Fotografias de alunos, professores e exposições da Bauhaus, 1919–1933. Instituto de Pesquisa Getty

E isso se deu por conta que o novo pensamento moderno, de se relativizar tudo, veio por meio dos programas de ensino da Bauhaus. Mas antes de nos aprimoramos sobre as metodologias da escola, vamos compreender sobre como conceito de beleza é visto, e como seu significado se alterou com o passar dos anos.

Devemos entender o quanto o conceito de beleza se modificou antes e depois do surgimento da Bauhaus . A conceituação de beleza do século XX foi relativizado de maneira abrupta. Desde os primórdios da humanidade, o conceito de beleza tem sido objeto de profunda reflexão e contemplação por parte de filósofos em busca de compreensão e significado.

Mas com o surgimento de novas teorias, a beleza e o design mudaram tanto que o sentido e a essência do que é belo foram deixados completamente de lado. Pensadores como Aristóteles, Platão, David Hume, Immanuel Kant, Roger Scruton, São Tomás de Aquino e Edmund Burke contribuíram significativamente para essa discussão ao longo dos séculos, porém a genialidade de suas teorias e análises acerca da beleza foram totalmente desprezadas por causa da relativização do conceito em si sobre beleza.

Antes de tudo é crucial compreendermos a importância desse conceito em nossa vida cotidiana.



A vênus de Willendorf, feita pelos nossos ancestrais nas cavernas, é uma peça de 28 mil anos atrás que representa o padrão de beleza valorizado naquele período. Em suma, a escultura de 11 centímetros era usada em rituais de fertilidade. Aliás, as mulheres com corpo cheio representavam fertilidade e uma maior chance de ter filhos.



O Renascimento recupera valores da antiguidade, por isso, o corpo voltar a ganhar mais valor e tende a ter maior exibição. Enquanto nessa época as mulheres exibem longos cabelos, formas roliças e voluptuosas e até uma certa barriguinha, os homens voltam a estar a mostra com seus músculos totalmente em forma.

O filósofo grego Platão, no século V a.C acreditava que a beleza habita o reino transcendente das Idéias, separada do mundo material. Uma coisa seria bela conforme seu grau de participação na idéia suprema e imutável de beleza. Assim, a beleza residiria num modelo inteligível perfeito, do qual os objetos belos perceptíveis seriam apenas cópias imperfeitas. Para Platão, o belo relaciona-se ao bem, verdade e perfeição absolutos.

Seu discípulo Aristóteles, por outro lado, via a beleza como uma propriedade intrínseca à arte, domínio essencialmente humano. A beleza de uma obra derivaria de características mensuráveis como simetria, ordem e proporção.

Na Idade Média, pensadores como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino igualavam os conceitos de belo, bom e verdadeiro, entendidos como emanação da beleza supremamente perfeita de Deus. A beleza do mundo seria um reflexo sensível dos atributos sublimes do Criador.Mais adiante, o filósofo alemão Immanuel Kant revoluciona o pensamento estético em sua “Crítica da Faculdade do Juízo”. Para Kant, a beleza não se funda em conceitos, mas numa livre harmonia entre imaginação e entendimento que gera um deleite contemplativo totalmente desinteressado.Se algo é belo ou não é uma questão subjetiva, baseada no prazer proporcionado pela mera forma de um objeto. Porém, esse julgamento pessoal pode ter validade intersubjetiva. A experiência do belo envolve faculdades universais da mente humana.

Já para Hegel, a beleza, especialmente a artística, permitiria a manifestação sensível da Idéia, do Espírito e do divino. A arquitetura, por exemplo, ao impor forma e ordem à matéria inorgânica, permitiria uma aproximação à racionalidade suprema de Deus. Hegel via na arte e na beleza uma ponte entre matéria e espírito. Beleza como construção social e histórica.

Em perspectivas contemporâneas, muitos vêem a beleza não como um valor universal, e sim uma elaboração cultural contingente, produto de um tempo e local.

Trata de uma mentira achar que os padrões do belo mudam conforme contextos sociais, sem essências imutáveis por trás.

A beleza não é relativa, as pessoas quando vêem uma macieira vão olhar e achar bonito sem precisar explicar o porquê que a macieira é bonita.

